

ALÇAMENTO DAS VOGAIS PRETÔNICAS NOS SÉCULOS XVIII E XIX

PRE-STRESSED VOWEL RAISING IN THE XVIII AND XIX CENTURIES

José Magalhães

Universidade Federal do Uberlândia

RESUMO

Objeto de inúmeros estudos sincrônicos em quase todas as regiões do Brasil, o subsistema vocálico pretônico do português detém alternâncias que ainda intrigam pesquisadores. Alvo de inúmeros processos fonológicos, tais como neutralização, assimilação, harmonia, abaixamento e alçamento, as vogais pretônicas caracterizam-se pela complexidade e variação. Muitos desses fenômenos aos quais hoje são dedicadas tantas pesquisas parecem, contudo, já estarem alicerçados no português desde a sua consolidação (ou mesmo antes). Em consonância com esta afirmação, este artigo tem como principal objetivo lançar mais um olhar sobre as vogais médias pretônicas do Português, agora com base em dados dos séculos XVIII e XIX. Sem a pretensão da exaustividade, a intenção é retomar dados deste período a fim de verificar de que modo o alçamento vocálico se aplicava à época.

Palavras-chave: Vogais Pretônicas, Português Histórico, Harmonia Vocálica, Fonologia

ABSTRACT

Despite being the subject of numerous synchronic studies in almost all regions of Brazil, the subsystem of pre-stressed vowels in Brazilian Portuguese does not cease to captivate researchers. As targets of several phonological processes, such as neutralization, assimilation, harmony, lowering and rising, pre-stressed vowels are characterized by complexity and variation. It seems, however, that many of these phenomena to which so much research is dedicated today date back to the implementation of Portuguese in Brazil or even earlier. In order to test this claim, this paper takes a further look at the pre-stressed mid-vowels system of Portuguese in data from the eighteenth and nineteenth centuries. Without claiming completeness, the intention is to identify, on the basis of these data, how vowel rising was put into practice during this period.

Keywords: Pre-stressed Vowels, Historic Portuguese, Vowel Harmony, Phonology

INTRODUÇÃO

O sistema vocálico do português brasileiro ainda merece atenção, seja do ponto de vista histórico, seja numa abordagem sincrônica. Por isso, especialmente o subsistema vocálico pretônico do português tem sido objeto de inúmeros estudos contemporâneos em quase todas as microrregiões do Brasil, devido às alternâncias que ainda intrigam pesquisadores. Alvo de inúmeros processos fonológicos, tais como neutralização, assimilação, harmonia, abaixamento e alçamento, as vogais pretônicas caracterizam-se pela complexidade e variação. O que dizer, então, desse subsistema do ponto de vista histórico? Será possível detectar esta complexidade no percurso temporal a fim de relacioná-la ao que nos dizem as pesquisas hodiernas? Tendo como norte esses questionamentos, pretende-se neste artigo abordar mais uma vez as vogais pretônicas do Português Brasileiro, desta vez a partir de documentos oficiais e cartas pessoais dos séculos XVIII e XIX.

Diferentemente, das pesquisas variacionistas atualmente realizadas, que se valem de dados de fala espontânea obtida a partir de gravadores ultramodernos, a pesquisa com dados históricos só possui registo escrito. Portanto, estamos cientes de que enfrentamos um grande obstáculo metodológico para alcançar nosso intento, qual seja, a investigação de elementos fônicos a partir de dados de escrita. A este respeito, Matos e Silva (2006, 42-43) chama a atenção para o fato de que

“...a documentação escrita que permanece, e sendo esta uma representação convencional da fala, desta teremos nos documentos um reflexo que permite tirar conclusões até certo ponto seguras, no nível fônico-mórfico, já que, não havendo então uma normatização ortográfica, a análise da variação da escrita oferece indícios para alguma percepção da voz. Do mesmo modo, se o que está escrito procura espelhar a voz e esta nos falta, pelo escrito se pode depreender, embora não integralmente, a língua no seu uso primeiro, em qualquer dos níveis em que se pode estruturá-la: fônico, mórfico, sintático, discursivo. Também a ausência de um controle gramatical normativo faz com que no texto medieval a variação seja constante, fato que também é indicador de usos da fala.”

A verdade é que, como pontua Mattos e Silva, estamos diante de uma realidade gráfica tentando obter conclusões para uma realidade diferente:

a fala. A crença nestas duas realidades tão díspares, e certamente o são, transfeririam para o pesquisador o ônus da fragilidade de seus trabalhos, não fosse, como afirma a autora, o fato de que a documentação escrita é uma representação convencional da fala. Importante não perder de vista, contudo, que o texto escrito não possui todos os recursos de que a fala dispõe. Ainda assim, o modo como os dados de escrita são coletados, tratados e organizados é que nos darão os elementos necessários e confiáveis para que conclusões satisfatórias, e também confiáveis, possam ser obtidas.

Neste sentido, compreendemos também que, as fontes escritas são uma grande barreira até mesmo para uma avaliação de ordem sintática e se fortalece ainda mais para investigações de ordem fonológicas. Para romper ou, pelo menos, diminuir este obstáculo, cumpre, em primeiro lugar, que os dados de escrita sejam advindos de fontes confiáveis e bem documentadas; em segundo lugar, que as regularidades sejam bem relacionadas e demarcadas por meio de fatores que estabeleçam relações entre si e permitam comparações contextuais entre os fenômenos que se quer investigar; em terceiro lugar que a natureza dos dados consiga expressar o fenômeno com o mínimo possível de intuições do investigador e com o máximo possível de expressão no fato em si.

Nossa proposta de descrição e análise acerca da vogais pretônicas tem, aqui, como fonte de dados textos escritos nos séculos XVIII e XIX que constam dos corpora do Projeto PHPB (Para a História do Português Brasileiro¹), disponibilizados *online* e organizados por Afrânio Gonçalves Barbosa, Célia Regina dos Santos Lopes e Dinah Callou. Desses corpora, extraímos dados de duas fontes distintas: de um lado, documentos oficiais; de outro, cartas pessoais. Necessário pontuar que os documentos oficiais, por sua natureza técnica, estariam muito mais distantes da fala, enquanto as cartas pessoais, sem maior preocupação burocrática ou formal, poderiam de algum modo retratar aspectos mais próximos da língua falada.

1. As vogais do Português

Uma das tarefas norteadoras deste trabalho é detectar a complexidade do subsistema vocálico pretônico do português brasileiro em seu percurso temporal, por meio de textos escritos. Feito isso, entendemos ser facilmente

¹ <http://www.letras.ufrj.br/phpb-rj/index.htm>. Acesso em 26, 28, 29 e 30 de abril de 2010.

possível relacionar esses fatos ao que dizem as pesquisas recentemente realizadas, principalmente a partir da década de 80 do século passado. Neste período, consideramos pioneiro o estudo de Bisol (1981) – baseado em dados de fala real e valendo-se da metodologia variacionista de Labov (1972) – que identifica e formula uma regra de harmonia vocálica para as vogais médias pretônicas no falar do Sul do Brasil. Essa regra de harmonia descreve, de forma inequívoca, os casos de alçamento contextual das vogais médias pretônicas, mas encontra-se em verdadeiro embate com os inúmeros casos em que vogais médias pretônicas sofrem alçamento sem a presença de um contexto aparente que motive este fenômeno. Retornaremos a estas regras mais adiante.

Enquanto o subsistema vocálico pretônico, por sua complexidade e variação, continua foco de investigações diversas, parece não haver maiores dúvidas quanto à consolidação de um conjunto bem definido de sete vogais na posição tônica. Desde o período medieval do chamado Português Arcaico (Nunes 1960; Câmara Jr 1970; Williams 1975), as vogais tônicas têm permanecido rigorosamente lacradas em um sistema fechado, pouco susceptíveis à variação. Apenas em casos raros como [‘fe.ʃa]~[‘fe.ʃa], (terceira pessoa do singular, presente do indicativo do verbo fechar – “Ele fecha a porta”), as vogais da sílaba tônica variam.

O sistema pleno de sete vogais é apresentado a seguir:

altas	/u/		/i/	
médias	/o/		/e/	(2º grau)
médias	/ /	/ /	/ε/	(1ª grau)
baixas		/a/		
	Posteriores	Central	Anteriores	

FIGURA 1 – Sistema vocálico do Português Brasileiro na posição tônica

FONTE: Câmara Jr. (2006[1970], p. 41)

Podemos associar a esse sistema de sete vogais do português o estatuto de privilégio da sílaba acentuada em relação às posições átonas (Beckman 1998). Isso porque processos de qualquer natureza, sejam eles variáveis ou

não, tendem a ser evitados na posição tônica, o que já vem sendo atestado também a partir de dados diacrônicos do português (Fonte, 2010). Portanto, sem mais controvérsias acerca das sete vogais na sílaba tônica, restam, pois, investigações que possam trazer à tona maiores esclarecimentos acerca dos segmentos vocálicos átonos, que podem ser distribuídos em outras três posições em torno do acento: pretônica, postônica não final e postônica final.

Bisol e Magalhães (2004), ao apreciarem os processos que reduzem o sistema vocálico do português de sete segmentos na posição tônica para cinco em situação pré-acental e a três nas posições pós-acento, apresentaram o esquema abaixo. Esta ilustração mostra uma “evolução” serial da redução vocálica, levando em conta apenas os sistemas operantes em cada uma das posições em que se encontram os segmentos. Consideramos de grande importância esta representação, pois, a partir dela, focalizam-se os processos variáveis que discutiremos neste artigo. Exemplos são apresentados na sequência.

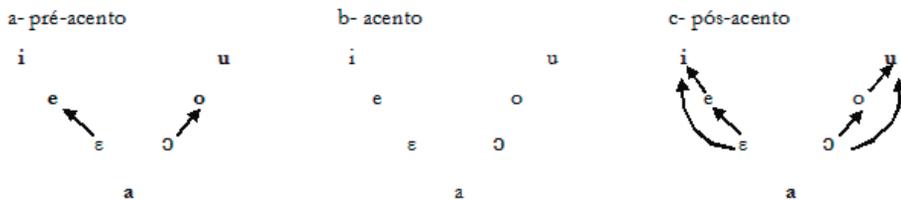


FIGURA 2 – Sistema vocálico do Português Brasileiro

FONTE: Bisol e Magalhães (2004)

a- posição tônica	b- pretônica	c- átona final ⁱ
[i] [‘siku]	[i] [si’ladɐ]	[i] [‘ʒuri]
[e] [‘seku] ‘seco’ (adj.)	[e] [se’kadu]	[i] [‘l ε ki]
[ε] [‘sekɐ] ‘seca’ (verbo)	[e] [se’kadu]	
[a] [‘sakɐ]	[a] [sa’kadɐ]	[a] [‘sakɐ] ⁱⁱ
[ɔ]	[o] [so’kadu]	
[o] [‘soku] ‘soco’ (nome)	[o] [so’kadu]	[u] [‘lodu]
[u] [‘suku]	[u] [suku’lentu]	[u] [‘bõnus]

O quadro apresentado acima não é novidade do que respeita à composição do sistema advindo de processos de redução vocálica. Gramáticas históricas já vêm documentando há anos que as oposições latinas – relativas ao timbre das vogais – entre /ɛ/ e /e/ e entre /o/ e /o/ neutralizaram-se em favor das vogais de timbre fechado /ɛ / e /o /, fazendo com que o sistema vocálico nesta posição seja reduzido, já no português medieval, a cinco vogais. Mesmo se considerarmos que haja regiões do Brasil em que prevaleça, na posição pretônica, as vogais médias baixas, tem-se costumeiramente consideradas as médias altas como as formas de base.

Para Nascentes (1953), a realização, no Português Brasileiro, das vogais médias pretônicas permite traçar uma linha divisória virtual entre os falares do norte – em que, geralmente, opta-se pela realização das médias baixas /ɛ/ e / / – e os falares do sul, nos quais prevalecem as médias altas /e/ e /o/.

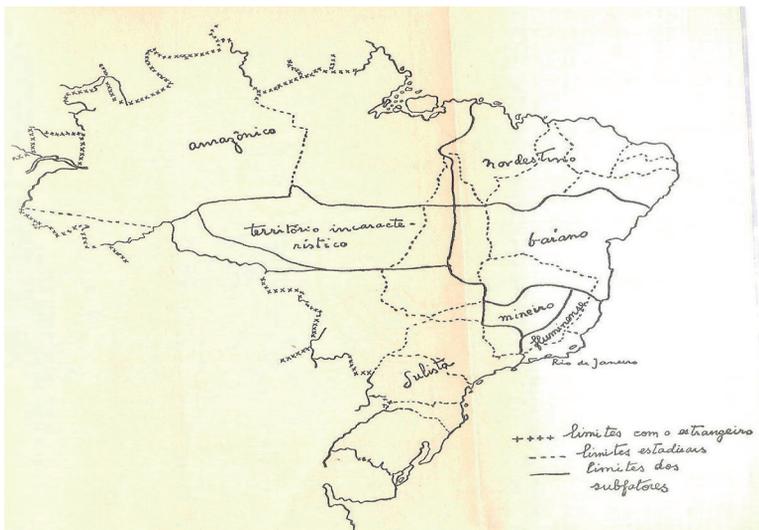


FIGURA 3: Divisão dos falares do Português Brasileiro segundo Nascentes (1953)

FONTE: Nascentes (1953, p.18)

Portanto, são os dados diacrônicos, fartamente documentados em tratados de filologia e em gramáticas históricas que dão conta do sistema vocálico conforme desenhado na Figura 2 acima. Em virtude disso,

processos variáveis que promovem a realização de vogais médias pretônicas como altas (alçamento) ou como baixas (abaixamento), partem da presença das vogais médias baixas na estrutura profunda do falante. Visto isso, metodologias de coleta e análise de dados vistoriam cada ocorrência por meio de criteriosas avaliações e cuidadosa seleção de grupos de fatores que possam favorecer uma ou outra ocorrência desta ou daquela vogal na estrutura de superfície. Todas as pesquisas de que temos tomado ciência nas últimas décadas, além de muitas já realizadas com nosso próprio banco de dados², corroboram a caracterização do subsistema de vogais pretônicas do português como extremamente variável.

Embora tenhamos mencionado acima processos de alçamento e de abaixamento, dificilmente uma pesquisa com dados de escrita permitirá conclusões com maior rigor acerca do abaixamento. A obviedade desta afirmação se constata pela existência de uma única letra para representar tanto a vogal média alta /e/ quanto a vogal média alta /ɛ/. Da mesma forma, temos apenas uma letra pra representar as médias posteriores /o/ e /ɔ/. Diferentemente das médias, há as letras “i” e “u” para a grafia das vogais altas. Por isso, este artigo tratará apenas de fenômenos envolvendo a variação entre vogais médias altas e vogais altas nos escritos dos séculos XVIII e XIX.

2. Alçamento

Conforme referido na seção anterior, a variação das vogais médias pretônicas vem de tempos remotos. No que se refere exclusivamente ao fenômeno de alçamento, Oliveira ([1536], (1933)), um dos mais emblemáticos registros descritivos do português, já atestava nos idos do século XVI a instabilidade das vogais médias na posição pretônica, o que consolida o argumento de que tal fenômeno se configura como bastante antigo. Retomemos, pois, as palavras do próprio Fernão de Oliveira: “Das vogaes, antre *u* e *o* pequeno há tanta vezinhança que quase nós [os] confundimos, dizendo uns *somir* e outros *sumir*, e *dormir*, ou *durmir*, e *bolir* e *bulir* e outras partes semelhantes”. Embora os dois primeiros exemplos (*somir* e *sumir*) pareçam, hoje em dia, constatar um processo de neutralização, reduzindo as

² Banco de dados GEFONO – Grupo de Estudos em Fonologia do Português Brasileiro, sediado na Universidade Federal de Uberlândia.

duas possibilidades em apenas uma (*sumir*), os outros casos se realizam nos dias atuais como perfeitamente possíveis, atestando, pois, a variação entre vogais médias baixas e vogais altas.

Silva (2009) retoma dados citados por Marroquim (1934) que também constata a produtividade do alçamento vocálico. O autor trata todos os casos como um processo de assimilação que obedece à regra geral da língua e que se difunde em todas as classes sociais. Alguns casos não parecem fruto de desencadeamento assimilatório, já que não há gatilho para o processo. Essa discussão, contudo, não nos interessa agora. O mais importante é a constatação da alternância entre vogais médias e vogais altas, conforme a seguir: *e* pretônico soa como *i* em: *pidi(r)*, *piqueno*, *sinbô(r)*, *milhor*, *mio (pop.)*, *tisôra*, *imbolá(r)*, *Jiroime* e *Jiróime (pop.)* por *Jerônimo*. Quando em posição inicial seguida de *s* como: *istorá(r)*, *istêrvo*, *istação*, *istio*, *istrada*, *istribo*, *ispirito*, *ispuma*, *isquadrão*. Quando nasal e inicial: *imbaraço*, *impregar*, *insinar*, *incruado*, *incubação*, *incruzilhada*, *incôsto*, *incontrão* (Marroquim 1934, apud Silva, 2009).

Entre os trabalhos realizados nas últimas décadas acerca do processo variável do alçamento vocálico, chamamos a atenção para a pesquisa de Bisol (1981), com dados do Sul do Brasil. Na constatação da variabilidade entre [o]~[u] e entre [e] >[i], os dados analisados pela autora não deixam dúvidas de que o que mais favorece a aplicação da regra de alçamento da vogal média em posição pretônica é a presença de uma vogal alta na sílaba subsequente. De posse desses fatos incontestes, Bisol (1981, p. 259) propôs uma regra simples e capaz de traduzir o fenômeno operante no português: *a harmonização vocálica é um processo de assimilação regressiva – desencadeado pela vogal alta da sílaba imediatamente subsequente, independentemente de sua tonicidade – que pode se estender a uma ou mais vogais médias do ambiente*. Inúmeros exemplos, como *menino* ~ *m[i]nino*; *político* ~ *p[u]lítico*, *formiga* ~ *furmiga* sustentam esta proposição.

Além dos casos acima referidos, Bisol (2009) documenta situações em que não há um contexto motivador aparente para o alçamento, como em *boneca/buneca*, *colégio/culégio*, o que a autora caracteriza como “produto da ação analógica do falante” numa clara alusão à ideia de difusão lexical. Por outro lado a regra com condicionador fonético, nos casos acima descritos, ajustar-se-iam à perspectiva neogramática.

Para esses dois casos, Bisol formula regras diferentes, conforme demonstrado abaixo:

a) Regra de harmonia vocálica – alçamento com condicionador fonético explícito

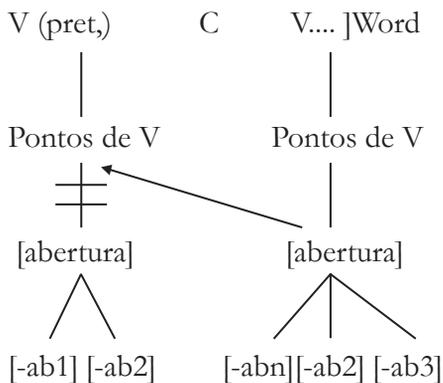


Figura 3- Regra de harmonia vocálica

Fonte: Bisol (2009, p. 79)

A regra acima deve ser entendida como o espriamento de todos os traços da vogal seguinte para a vogal precedente, independentemente da consoante que possa estar entre elas, ou seja, é um típico caso de assimilação total do nó de abertura vocálica, que resultará na harmonia entre as duas vogais.

b) Alçamento sem motivação aparente (redução vocálica)

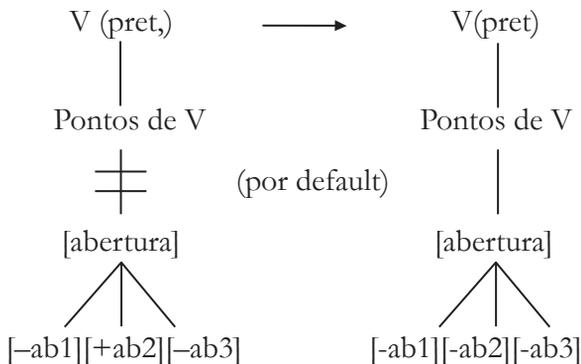


Figura 4- Redução sem condicionador fonético

Fonte: Bisol (2009, p. 79)

Esta regra retrata o desligamento do nó de abertura da vogal média pretônica e o preenchimento automático pelos traços de uma vogal alta, resultando na neutralização.

A pergunta que se faz, portanto, é: estariam estas duas regras atuando já nos séculos XVIII e XIX?

3. Os dados dos séculos XVIII e XIX

Antes nos reportarmos aos dados coletados de documentos oficiais e cartas pessoais dos séculos XVIII e XIX, cumpre ratificar que fenômenos envolvendo alternância das vogais médias pretônicas remontam períodos que antecedem a formação do português, ou seja, existiam já no latim popular (latim vulgar), conforme atestam os escritos do Appendix Probi, retratado nos exemplos a seguir:

senatus non sinatus
cochleare non cocliarium
palearium non paliarium
festuca non fis<tuca>
effeminatus non infimenatus
faseolus non fassiolus
dys<entericus non disinte>ricus
hermeneumata non erminomata

formica non furmica
robigo non rubigo

Sirena non Serena
dimidius non demidius
hirundo non herundo
puella non poella

Note-se, por estes exemplos, que a alternância era bidirecional, indo tanto da vogal média para a alta, quando da alta para a média. Outra observação pertinente é o maior número de ocorrências envolvendo a vogal média frontal /e/.

Conforme já referido neste artigo, também no português medieval processos semelhantes são comuns na língua dos trovadores (Fonte, 2010). Referentemente aos séculos XVIII e XIX, período da chamada era moderna do português, acreditamos que os textos não oficiais – cartas pessoais – poderão fornecer elementos mais aproximados da realidade da fala por, supostamente, não haver maiores preocupações com possíveis formalismos linguísticos. Por isso, apresentamos, primeiramente, os dados coletados a partir destes. Na sequência, apresentamos as ocorrências obtidas nos documentos oficiais (quadros 3.2.1 e 3.2.2). Ratificamos que a fonte de dados para este estudo foram os *corpora* do projeto “Para a História do Português Brasileiro”, elaborados por Afrânio Gonçalves Barbosa, Célia Regina dos Santos Lopes e Dinah Callou – UFRJ – e disponibilizados *online*.

O que chama a atenção nos dados até então coletados³ é a total ausência de linearidade entre alçamento e abaixamento. É certo que não se devem ter expectativas de linearidade quando se trata de fenômenos variáveis, haja vista que o “caos linguístico” também é bastante organizado inclusive na fala. Todavia, como se percebe nos quadros abaixo, não há apenas situações de comprovada harmonia vocálica e de alçamento sem motivação aparente. Ocorrem também casos em que o contexto para a harmonia existe, mas a regra não se aplica, o que demonstra contra-alimentação no processo. Somam-se a estes casos os dados em que a vogal alta é abaixada quase aleatoriamente, o que fortalece ainda mais a complexidade do subsistema vocálico pretônico.

³ Os dados aqui apresentados vêm da análise de 29 documentos pessoais e de 29 cartas pessoais dos *corpora* já referidos. Portanto, não se trata de uma análise exaustiva de todo o corpus disponível.

3.1 Cartas pessoais

3.1.1- Vogal média pretônica /e/

alçamento: /e/ > [i]	abaixamento: /i/ > [e]
<p>a) harmonia</p> <p>acintir anticipadamente aremediar conviniente discuidarei discuido disculpar disculpe melanculia privino quirido repiteir siguras sirvirá sucidera</p> <p>b) alçamento sem motivação aparente</p> <p>chigada chigarão chigarem chigou dezasucego dispeza infado ispera medetriminara milhor milhoras milhores piqueno tizouras vinder xiguei</p>	<p>a) contra-alimentação</p> <p>aleviarei asestido deligência deminuição deminuindo deprencipyar emcluzo endiços enquietaçoens enquietádos enrigrando enrigrante enrior felicedades emfenitamente enevitaveis partecipei partecipo prencipalmente vezinho entidade</p> <p>b) abaixamento</p> <p>despozicão adelegência dezer emformar emglezez empertenencia emportância emportunação encomodos endependecia enteira enterrompo entressados</p>

No quadro acima, bem como nos demais adiante apresentados, subdividimos os dados em quatro classificações, conforme a identidade dos processos ocorridos, a saber:

harmonia: regra que resulta da assimilação dos traços de abertura pela vogal alta seguinte pela: *melanculia, privino;*

elevação sem motivação aparente: processo que eleva a vogal média pretônica por default (Bisol, 2009): *milhor, piqueno;*

contra-alimentação: interação opaca em que a regra esperada deixa de se aplicar, mesmo tendo presente o contexto para aplicação: *partecipo, vezinho;*

abaixamento: situação em que a vogal alta tornou-se média baixa sem qualquer motivação aparente: *desposição, enteira.*

3.1.2- a vogal média pretônica /o/

alçamento /o/ > [u]	abaixamento /u/ > [o]
<p>a) harmonia pruduto puçível sulcitar depuzitario desuciedade</p> <p>b) elevação sem motivação aparente algudão pruteção puder purção sucego</p>	<p>a) contra-alimentação omilde seotilize</p> <p>b) abaixamento affectoozo agoardente corropção fonção goarda logar ocoçar poder pozerão</p>

Da mesma forma que em 3.1.1, as quatro classificações propostas ocorrem, embora os dados envolvendo a vogal /o/ sejam em menor número.

3.2- Documentos oficiais

3.2.1- a vogal pretônica /e/

alçamento: /e/ > [i]	abaixamento: /i/ > [e]
<p>a) harmonia comviniente dilicado oinvio siguras sigure sirtificamos ediscuberta intiligencia</p> <p>b) elevação sem motivação aparente chigado chigar chigou disgraçada dispezas imprego intregues ispera melhor</p>	<p>a) contra-alimentação actevidade adevinhar beneficeado deficuldade deficultozo deligencia derigirião desiplinados emediatamente empertinências entervir entreduzicem justeficando ministro offcial prontefiquei vezinhos</p> <p>b) abaixamento adejacente asedeado (de sediar) dezer entereses justeficarse opeor vertudes</p>

Assim como nas cartas pessoais, também nos documentos pessoais os casos envolvendo a vogal /e/ se repetem com a mesma fisionomia.

3.2.2 vogal pretônica /o/

alçamento /o/ > [u]	abaixamento /u/ > [o]
<p>a) harmonia costume cumúns ediscuberta</p> <p>b) elevação sem motivação aparente trusse fugoens puder (poder) reformado</p>	<p>a) contra-alimentação acodir comprido (a minha ordem) incombido monissões</p> <p>b) abaixamento agoarda depozerão goarda goardados oppozerão podesse</p>

Este último quadro, em consonância com o quadro 3.1.2, revela a pouca ocorrência de dados envolvendo a vogal média-alta posterior. Contudo, as mesmas quatro subclassificações propostas estão presentes.

4. PALAVRAS FINAIS

Todos os dados acima elencados e classificados remetem-nos a uma interessante constatação, qual seja, a maior ocorrência da vogal /e/. Trabalhos de natureza diacrônica que utilizaram dados de fala espontânea do português brasileiro têm demonstrado que atualmente a variação entre [e]/[i] é muito mais latente do que entre [o]/[u]. A grande diferença com relação aos trabalhos atuais está nas numerosas ocorrências de contra-alimentação da regra de assimilação e nos demais casos envolvendo o abaixamento de /e/ e de /o/. Poderíamos chamar todos os exemplos das colunas do lado direito de hipercorreção. Contudo, como estamos trabalhando com dados de escrita, não nos arriscamos a tamanha simplificação. Também não pretendemos, neste artigo, encerrar nossa análise em uma conclusão decisiva, haja vista termos ainda inúmeros documentos e cartas a serem analisados. Por este instante, cabe a nós a constatação de que a variabilidade

envolvendo as vogais médias pretônicas perpassa os séculos XVIII e XIX com a mesma força já identificada em períodos anteriores e persiste até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS

BECKMAN, J. **Positional Faithfulness**. PhD dissertation, University of Massachusetts, 1998.

BISOL, L. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. Em BISOL, L. e COLLISCHONN, G (org). **Português Do Sul Do Brasil: Variação Fonológica**. Porto Alegre, Edicurs, p. 73-92, 2009.

_____, L. A Variação da pretônica na diacronia do português. Em **Letras de Hoje**. Porto Alegre. v. 17, n. 1, p. 80-97, 1983.

_____, L. **Harmonia Vocálica: uma regra variável**. Tese (Doutorado em Linguística). UFRJ, Rio de Janeiro, 1981.

_____, L. e MAGALHÃES, J. S. de. A redução vocálica no português brasileiro: avaliação via restrições. Em **Revista da Abralin**, vol III, no. 1 e 2, julho e dezembro, 2004.

CÂMARA JR. J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Vozes, Rio de Janeiro,(2006) 1970.

FONTE, J. S. **O Sistema Vocálico do Português Arcaico Visto a partir das Cantigas de Santa Maria**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Unesp, Araraquara, 2010.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MAGALHÃES, J. S. de. A redução vocálica no português brasileiro por diferentes modelos fonológicos. In: HORA, D. (Org.). **Vogais: no ponto mais Oriental das Américas**. João Pessoa: Ideia, 2009. p. 65-88.

MATTOS E SILVA, R. V. **O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2 ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NUNES, J. J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia**. 6ª edição. Lisboa: Livraria Clássica, 1960.

OLIVEIRA, K. **Negros e escrita no Brasil no século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.

SILVA NETO, S. da. **Fontes do Latim Vulgar. O Appendix Probi**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.

WILLIAMS, E. B. **Do Latim ao Português**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

www.letras.ufrj.br/phpb-rj/index.htm. Acesso em 26, 28, 29 e 30 de abril de 2010.